

## ANÁLISE DE RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS EM MICRO-CENAS PARA ESTUDO DA IDENTIDADE LINGÜÍSTICO-CULTURAL

SILVANA SERRANI-INFANTE  
(UNICAMP)

### RESUMEN

Este artículo presenta una propuesta de trabajo para estudiar componentes de la identidad lingüístico-cultural, mediante *el análisis de resonancias discursivas en microescenas experimentales*. A partir de las nociones de resonancia de significación (Serrani, 1993) e de microescena (G. O'Donnell, 1986), elaboramos esta propuesta de análisis discursivo con corpus experimental. Después de discutir aspectos de la noción de falla pragmática intercultural (J. Thomas, 1983), exponemos nuestro procedimiento basado en el estudio de las repeticiones interdiscursivas. La ejemplificación se realiza mediante un corpus constituido por secuencias discursivas producidas a) por universitarios brasileños, estudiantes de Castellano e interesados en ejercer sus profesiones en países del Mercosur, y b) por universitarios hispanoamericanos, aprendices de Portugués. Las estrategias argumentativas focalizadas correspondieron a situaciones en las que se rehusa un pedido. Esta investigación permitió distinguir dos formaciones discursivas: una marcada por enunciaciones *de abrupción* y otra, por enunciaciones *de transición*. El análisis se articula a observaciones sobre sociabilidad y política en Brasil y Argentina.

### INTRODUÇÃO

Depreender elementos da(s) identidade(s) linguístico-cultural(ais) é, sem dúvida alguma, um complexo objeto de estudo que diz respeito a vários domínios do conhecimento. Neste artigo<sup>1</sup> proporei o método de trabalho que denomino *análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas experimentais*, exemplificando com situações de uso nas línguas portuguesa e espanhola e articulando a análise discursiva a observações sobre sociabilidade e política no Brasil e na Argentina.

Nos países do Cone-Sul latino-americano, a conjuntura de implantação do Mercosul tem reforçado um duplo interesse no estudo das discursividades do português

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com apoio do CNPQ. Apresentei uma versão preliminar dos resultados no IX Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), Caxambú, MG, junho de 1994.

e do espanhol: por um lado, resolver situações práticas de interação bi-cultural e, por outro lado, aprofundar os caminhos de resposta para a crucial questão da chamada identidade cultural, mediante o confronto entre alteridades lingüístico-discursivas “próximas”. Este trabalho procura trazer contribuições nesses dois sentidos.

No caso de interações de falantes nativos de português brasileiro com falantes nativos de espanhol, o estudo de mal-entendidos ou incompreensões requer grande sutileza analítica. Como se sabe, a semelhança sistêmica das línguas faz com que a nível explícito haja uma considerável “transparência” entre elas. Entretanto, é na dimensão do discurso que se evidenciam interessantes questões de natureza semântica as quais, muitas das vezes, acontecem sem consciência dos interlocutores, que, a princípio e apesar de incômodos e quiproquós, consideram estar se entendendo perfeitamente.

Ao longo de meus quinze anos de imersão na cultura brasileira paulista<sup>2</sup> fui levantando, no começo de modo ocasional e, depois, sistematicamente, exemplos de micro-cenas nas quais, “me soavam” estranhas as estratégias argumentativas. Para a noção de *micro-cena* tomo como referência o trabalho de G. O’Donnell (1986: 126) que as define como interlocuções, serviços e trabalhos que ocasionalmente relacionam pessoas de diferentes posições sociais. Neste caso, além de diferenças de posição social -por exemplo, quanto a papel ou classe social- trata-se da posição relativa à condição de imigrante de um dos protagonistas ou testemunha da micro-cena. Assim, em decorrência da própria experiência bi-cultural e da pesquisa em Análise do Discurso e Lingüística Aplicada -especificamente, pragmática aplicada à aquisição de línguas estrangeiras, bem como de atividades vinculadas à pedagogia de espanhol a brasileiros, fui elaborando uma hipótese relativa à construção de estratégias de confronto ou aliança nessas discursividades. Na pesquisa que refiro aqui, me concentrei na observação e na reflexão sobre enunciações de recusas e de manifestações de agrado/desagrado e acordo/desacordo em ambas as sociedades<sup>3</sup>, focalizando, também, a observação da enunciação de argumentos de ordem pública ou privada nas seqüências discursivas. Para a descrição regrada (cf. M. Pêcheux, 1990) da montagem discursiva, trabalho com a noção de *ressonância de significação*. Em um trabalho anterior (S. Serrani, 1993:47 e 71-111) caracterizei detalhadamente essa noção. Aqui, de modo sintético, importa lembrar que se trata do efeito de vibração semântica entre duas ou mais unidades específicas ou modos de dizer, que tende a construir, na discursividade, a realidade (imaginária) de um sentido. O percurso transdisciplinar (cf. Serrani, 1990) nesta pesquisa inclui, também, trabalhos desenvolvidos no domínio da Antropologia Social.

---

<sup>2</sup> Até 1979 morei em Buenos Aires, Argentina, cidade onde nasci.

<sup>3</sup> Na investigação completa trabalhei com seqüências discursivas produzidas a partir desses três tipos de micro-cena. Neste artigo apresento a análise de seqüências relativas ao primeiro tipo.

## REPENSANDO A NOÇÃO DE FALHA PRAGMÁTICA TRANSCULTURAL

A noção de *falha pragmática transcultural* (cross-cultural pragmatic failure) tem sido operacionalizada em trabalhos desenvolvidos na área de Linguística Aplicada acerca da pragmática de interações entre falantes nativos e não nativos de uma determinada língua. J. Thomas (1983: 91) a define como “a inabilidade para entender ‘o que se quer significar pelo que se diz’”. A autora distingue dois tipos de falha: a pragma-lingüística e a sócio-pragmática. A primeira acontece quando a força pragmática<sup>4</sup> prevista pelo falante não nativo para uma dada expressão é sistematicamente diferente da força mais freqüentemente atribuída a ela pelos falantes nativos da língua, ou quando as estratégias dos atos de fala são inadequadamente transferidas da L1 para a L2. A falha sócio-pragmática (termo emprestado diretamente de G Leech) diz respeito às diferentes percepções transculturais daquilo que constitui comportamento lingüístico adequado. Dentre as múltiplas manifestações das chamadas falhas sócio-pragmáticas, lembremos algumas tais como: diferenças culturais quanto ao acesso livre ou não a determinados assuntos, temas que são tabus em umas culturas e não em outras, diferença na atribuição de poder relativo e distância social dos interlocutores, conforme a cultura de origem etc (cf. J. Thomas, op. cit.).

A meu ver, é somente de uma perspectiva limitante, que conceba a linguagem primordialmente como *comunicação* de mensagens<sup>5</sup> que a profunda questão do mal-entendido transcultural pode ser abordado ingenuamente como defeito a ser reparado mediante informações e treinamentos relativos a cultura alvo. Diferentemente na perspectiva que adoto, a linguagem não se concebe como mero objeto de saber, mas como materialidade crucial na constituição da identidade. Assim, entendo essa fenda cultural e subjetiva como marca de alteridade constitutiva, de historicidade a ser aprofundada e de subjetividade a ser elaborada. Embora J. Thomas não vá por este caminho que acabamos de apontar, ela faz uma observação que nos diz respeito: “cada exemplo de estereotipia nacional ou étnica deve ser entendido como uma razão para chamar a intervenção do pragmaticista e do analista de discurso” (ibid.: 107). Nas páginas seguintes procurarei desenvolver esta concepção do mal-entendido transcultural, ilustrando com elementos das discursividades do português e do espanhol.

## RESSONÂNCIAS DISCURSIVAS EM MICRO-CENAS EXPERIMENTAIS

Muitas análises interpretativas de determinadas sociedades realizadas no campo das Ciências Sociais têm se apoiado fortemente em ilustrações extraídas de usos

---

<sup>4</sup> A autora segue a distinção semântico-pragmática de G. Leech entre *sentido* (sense) -significado literal- e *força* (force) -significados implícitos. Na perspectiva do discurso, o sentido não se estuda partindo dessa dicotomia, uma vez que a significação de uma seqüência discursiva é analisada em relação às condições de exercício da função enunciativa e não ao sentido literal das palavras que a compõem.

<sup>5</sup> Para uma análise cuidadosa das limitações da visão “comunicativa” em Linguística Aplicada, remeto o leitor ao trabalho de P. Franzoni (1992).

da linguagem. Especificamente no caso das sociedades brasileira e argentina lembremos, por exemplo, os trabalhos de R. Da Matta em torno do “você sabe com quem está falando?” ou de G. O’Donnell, em torno do “e eu com isso?”. Ora, não obstante os agudos “insights” decorrentes de observações como essas, em muitos estudos realizados no domínio das Ciências Sociais, no momento de fazer a ponte entre a “micro” e a “macro” análises, os pesquisadores avisam sobre a necessidade de uma análise que fundamente sistematicamente e com rigor a relação entre esses níveis de análise (cf. , por exemplo, O’Donnell, 1986: 131, 152 e 1989: 110). Em outros casos, apesar de observações e análises antropológicas interessantes, notamos um certo descuido no modo de apresentação dos dados lingüístico-discursivos nas pesquisas. Por exemplo L. Barbosa, em seu livro sobre o jeitinho brasileiro (1992: 70-71) , fundamenta muitas de suas afirmações em formulações lingüísticas mas, para referir-se ao tratamento dado a essas formulações, diz simplesmente “pesquisa da autora”, sem nenhuma outra especificação sobre o procedimento analítico com que essa linguagem foi abordada.

A proposta que aqui apresento consiste, como já disse, na análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas experimentais. Trata-se de propiciar a produção de seqüências discursivas (por isso, o corpus é de tipo experimental), a partir de micro-cenas agrupadas em torno de uma hipótese de trabalho. É preciso que essas micro-cenas escolhidas tenham sido presenciadas, vividas como protagonista pelo pesquisador ou relatadas detalhadamente a ele por um protagonista que as tenha vivenciado ou presenciado diretamente.

A hipótese de trabalho que norteou este estudo, refere-se aos modos característicos de estruturar enunciações de recusa e de manifestação de agrado/desagrado em discursividades do português brasileiro, especificamente do sudeste, e do espanhol do Cone Sul, especificamente da variedade riopratense. As seqüências discursivas foram coletadas através de questionários com as seguintes características: a primeira parte consistiu em apresentar uma descrição de eventos argumentativos nos quais estava faltando o desfecho. Solicitou-se a 64 enunciadore<sup>6</sup> -32 deles universitários brasileiros, estudantes de espanhol e interessados em exercer suas futuras profissões em países do Mercosul, e 32 universitários hispano-americanos, aprendizes de português- que fornecessem possibilidades de desfecho para as micro-cenas a) sugerindo falas dos protagonistas; b) descrevendo ações possíveis; c) fazendo comentários, relatando experiências pessoais lembradas a partir das situações do questionário. Na segunda parte, foram apresentadas as mesmas situações mas *com* o desfecho que de fato tinha acontecido. Nessa parte, solicitou-se um comentário em relação a ele, tendo como guia uma pergunta relativa à excepcionalidade ou não daquele desfecho em sua cultura de origem e pediu-se que o enunciador fundamentasse sua resposta. Quanto aos dados sobre os enunciadore<sup>6</sup>, cabe mencionar que cada um deles

---

<sup>6</sup> Chamo a atenção do leitor para o fato de que não estou usando o termo tradicional “informante”, pois nosso objeto de estudo não se encontra nas informações do falante mas nos efeitos de sentido produzidos na interdiscursividade das seqüências, na qual o que interessa são as posições enunciativas e não o conteúdo da fala de indivíduos concretos.

preencheu uma ficha na qual se perguntava sobre: 1) lugares onde viveu desde seu nascimento (se mais de um lugar, pediu-se para especificar o tempo em cada um deles); 2) idade, sexo, ocupação e origem de sua renda; 3) lugar de origem, ocupação e nível de escolaridade dos pais ou das pessoas com quem mais conviveu<sup>7</sup>. Devo assinalar aqui que como a abordagem não é sociolinguística, tais informações sobre os indivíduos concretos não são utilizadas para correlacionar linguagem e dados sócio-empíricos. Nos trabalhos de enfoque discursivo, diferentemente daqueles de perspectiva sociolinguística, esses dados se usam apenas como ponto de partida na constituição harmônica do corpus.

A seguir, apresentarei resultados correspondentes à análise de seqüências discursivas produzidas a partir da seguinte micro-cena:

“Um funcionário que durante alguns anos tem sido encarregado de compras de matéria prima é obrigado a pedir demissão por causa de comprovado recebimento de propinas e favorecimento dos fornecedores que as pagavam. A saída do funcionário, embora indeclinável, é feita em um clima de tranqüilidade.

Uns dias depois, o secretário do gerente de Recursos Humanos avisa que o ex-funcionário está no telefone solicitando uma carta da empresa atestando sua experiência e desempenho. O gerente atende a ligação e responde que consultará a Direção da empresa. O gerente de RH telefona ao diretor e a resposta é negativa.”

As seqüências discursivas foram propiciadas pela seguinte questão:

“Na sua opinião, o que foi que o gerente de Recursos Humanos disse ao seu secretário para sugerir-lhe o modo em que ele (o secretário) deveria concretizar a negativa?”

Como disse anteriormente, para a descrição regrada de nossa montagem discursiva, trabalho com a noção de *ressonância de significação*. Os dois tipos básicos de ressonância são: em torno de *unidades específicas* -frases nominais, ítems lexicais, etc- e ressonâncias em torno de *modos de dizer* -efeitos de sentido produzidos pela repetição, em nível interdiscursivo, de construções sintático-enunciativas (cf. S. Serrani, 1993:47). No corpus específico desta pesquisa mostraram-se cruciais, como veremos de imediato, as ressonâncias de modo de dizer.

---

<sup>7</sup> Agradeço aos enunciadores que responderam meu questionário, e a todos aqueles que facilitaram a coleta de materiais para a constituição do corpus, especialmente às professoras do setor de Português para Estrangeiros do Centro de Ensino de Línguas e à Dra. Florencia Menegalli da Faculdade de Engenharia de Alimentos da UNICAMP.

Um modo de dizer que ressoou em 60 %<sup>8</sup> das seqüências discursivas (s.ds.) de nosso corpus de falantes brasileiros foi o de modalização de possibilidade/capacidade, com a construção: agente determinado + verbo poder em negativo + infinitivo, geralmente seguida com uma fundamentação baseada em princípios éticos, em argumentos legais, ou em questões de imagem da empresa no mercado, como por exemplo em (1), (2) e (3). Entretanto, essa construção ocorreu em somente 6% das seqüências discursivas de enunciadores hispano-americanos.

(1) “Eu falei com o gerente de recursos humanos e ele me informou que *não pode fazer* uma carta de apresentação porque possui argumentos contra o senhor muito bem fundamentados de que não era, em alguns momentos, um funcionário leal.” [s.d. 20]<sup>9</sup>

(2) “Infelizmente *não poderemos fornecer-lhe* uma carta de apresentação, dado que você foi demitido por justa causa.” [s.d. 16]

(3) “*Não podemos dar* a uma pessoa desonesta como ele uma carta de recomendação. O nome da empresa não pode ser posto em jogo, dando aval a pessoas de mau caráter. Todo mundo é fraco, eu sei, mas *não podemos fazer isto*.” [s.d. 9]

Nas ilustrações em português reproduzidas anteriormente é possível observar, também, algumas outras marcas formais recorrentes (em 38% das seqüências) na estruturação dessa ressonância de modo de dizer modalizado. Trata-se das manifestações explícitas de solidariedade ou compaixão -como o “infelizmente” com que se inicia (2)-, ou expressões de compreensão em relação à situação do ex-funcionário -como o “todo mundo é fraco, eu sei” em (3)-. Nesse sentido, observem-se as seqüências (4) -totalmente na afirmativa, (5) -o pronome “te” indica aproximação ao interlocutor, e (6) -com repetidos enunciados amenizadores:

(4) “*Fulano, eu sei que isto é importante para você, mas tente entender*, se a empresa lhe desse esta carta seria terrível para o nosso bom nome. Imagine se isso de alguma forma é divulgado ‘Funcionário demitido por recebimento de propinas recebe carta de recomendação!’ Seria terrível. *Por favor, tente entender*.” [s.d. 15]

---

<sup>8</sup> Embora nossa abordagem não seja de cunho quantitativo e as conclusões não decorram desses números, considero de interesse ilustrar o grau de incidência de cada tipo de ressonância, porque essas percentagens indicam tendências que uma pesquisa específica posterior poderá verificar.

<sup>9</sup> Em cada ilustração, será reproduzida *literalmente* a seqüência discursiva *completa* formulada pelo enunciatador. O número, após cada exemplo, corresponde àquele de registro da seqüência no corpus arquivado no IEL, UNICAMP.

(5) “*Infelizmente* não será possível a entrega de sua carta de referência porque, caso a carta fosse redigida, esta não *te* auxiliaria em nada na obtenção de emprego em outra empresa”. [s.d. 29]

(6) “*Lamentavelmente* nosso gerente de recursos humanos conversou com o diretor e este por sua vez decretou que nenhuma carta de recomendação deveria ser emitida para funcionários que se desligaram da empresa. Você sabe como é!? O pessoal ficou ‘meio assim’ com sua saída, mas *é só você conversar que a nova empresa deixa você entrar sem esta carta. Ela não é tão importante assim. Boa sorte.*” [s.d. 4]

As marcas amenizadores praticamente inexistem nas seqüências em espanhol e os advérbios equivalentes ao “infelizmente” do português (presentes em somente 15% das seqüências) ocorrem, principalmente, em construções com agente indeterminado, vide, por exemplo, a seqüência lacônica (7):

(7) “Lamentablemente su solicitud ha sido denegada.” [s.d. e2]

Quando as seqüências são mais extensas o que predomina na discursividade de nossos enunciadores em espanhol são expressões de indignação pela existência da solicitação ou modalizações apreciativas no sentido de fazer mais conclusiva a recusa. Vide por exemplo (8), (9) e (10). Em (8) o informante propõe três variantes, nas quais se mantém como constante a manifestação de impropriedade do pedido:

(8) “Primera forma -el gerente guarda compostura en todo lugar. Gerente: ‘Dígale al Señor X que luego de consultar con la dirección su caso ha sido denegado, a pesar de *la incómoda petición realizada* dado que *es impropcedente la solicitud* de dicha carta que certifique su buen desempeño’.

Segunda forma -el gerente no guarda compostura. Gerente: ‘Dígale al Sr. X que sea menos sinvergüenza, *que no fastidie solicitando cartas que no se le puede dar* ahora, pues su desempeño fue deficiente’.

Tercera forma -mucha informalidad. Gerente: ‘Dígale al infeliz ese *que no moleste*’.” [s.d. e4]

(9) “ ‘Decile a XX que *después de lo que hizo*, la empresa *jamás* va a darle las referencias que pide.’ Además supongo que el gerente de Recursos Humanos comentaría al secretario acerca de lo ‘cara dura’ que es el ex-empleado, que ‘cómo se anima a pedir las referencias’.” [s.d. e6]

(10) “*Después de lo que hizo* ese ladrón no quiero ni escuchar su nombre.” [s.d. e8]

Em (9) e (10) podemos observar a construção subordinada mais freqüente, quase a única, com a qual os enunciadores em espanhol de nosso corpus fundamentam

a negativa: a estrutura com a conjunção ilativa “después de” utilizada para expressar a consequência de um antecedente, neste caso o motivo da saída. Essa ressonância que, a meu ver, produz um sentido argumentativo na direção da punição, é materializada também por conjunções como “luego de” ou “encima de”. Vide (11) e (12):

(11) “Dígale que es imposible hacer ese certificado, *luego de* la macana (cagada) que se mandó. Imagínese si le vamos a firmar una carta para que después nosotros quedemos mal.” [s.d. e3]

(12) “Dígale a este señor que su pedido está fuera de lugar, que no va con la política de la empresa, -qué se pensó éste? *encima de lo que pasó!*” [s.d. e9]

Nas seqüências em português temos somente uma ocorrência de introdução da fundamentação da negativa com essa estrutura com “depois de”. As construções mais freqüentes são causais com “dado que”, “já que” ou explicativas com pois. Ressoam explicações, causas, mas não sermões punitivos. Vide, (13), (14) e (15):

(13) “Diga ao ex-funcionário que, apesar de seu desempenho profissional satisfatório, a empresa não poderá fornecer uma carta de apresentação, *dado que* as circunstâncias que levaram a seu afastamento foram bastante desagradáveis. Infelizmente, uma comprovada atitude como a que ele teve desabona qualquer profissional, por maior que seja sua competência. Seja incisivo ao falar com ele, fulano, deixando claro que a empresa não quer mais qualquer contato com ele.” [s.d. 1]

(14) “Diga ao sr..... que infelizmente não poderemos dar-lhe a carta de apresentação, *já que* pensamos que ele não será um bom funcionário e poderá estragar a imagem de nossa empresa no mercado.” [s.d. 19]

(15) “Diga ao sr... que não é possível fazer tal recomendação *porque* além do fato de que seriam informações não verdadeiras, alteraria a credibilidade da empresa.” [s.d. 23]

Um tipo de fundamentação, que ocorreu em várias seqüências em português, e que inexistiu na parte do corpus em espanhol, foi aquela em que a causa para a negativa esteve desvinculada do acontecimento, tal como em (16), (17), (18) e (19). Este tipo de enunciação foi a que ocorreu, de fato, na micro-cena que escolhemos para deflagrar esta parte de nossa pesquisa experimental. Ela consta reproduzida em (16):

(16) “Fulano, você vai ter que empurrar com a barriga.”

(17) “Diga-lhe que no momento é impossível ajudá-lo pois estou de viagem ao exterior e que volto logo, não se preocupe. Como só eu posso assinar esse atestado, prá ele ir ligando.” [s.d. 25]

(18) “ ‘Você sabe, não é que eu não queira, mas são ordens lá de cima. Como é que a gente fica depois? Por mim não tem problema Bertrano é boa gente, mas sabe como é... eu não quero encrenca pro meu lado. Dê um jeito aí, diz que não dá, que se ele quiser dar o telefone, a gente dá um jeito, mas que a carta, infelizmente, não dá’. (Quando trabalhava em um órgão público, muitas situações como esta aconteceram. São situações em que a pessoa não quer se comprometer nem com um lado nem com o outro e geralmente passa a um subordinado a tarefa de desincumbir-se do incômodo.)” [s.d. 27]

(19) “Diga a esse nosso ex-funcionário que nós não emitimos esse tipo de documento tão facilmente; pode demorar muito tempo, pois precisamos que cada funcionário que conviveu com ele, faça um relatório declarando a passagem dele pela empresa. Inclusive o diretor tem que avaliar a situação dele com muito cuidado, examinando as suas atitudes no período que trabalhou aqui.” [s.d. 32]

(20) “Diga que estou em reunião e não posso atendê-lo neste momento. Que ligue mais tarde.” [s.d. 30]

Quanto aos enunciadores em espanhol, cabe assinalar que, quando perguntados especificamente, ou nos comentários dados como resposta na segunda parte do questionário, na qual constava o desfecho (16), eles mencionaram a possibilidade dessa estratégia. Porém, na resposta espontânea não houve ocorrências desse tipo, nos dados de nosso corpus.

## ARTICULANDO OCORRÊNCIAS LINGÜÍSTICAS E MACRO-TEMAS

Para “amarrar” as conclusões em relação à análise das ressonâncias discursivas expostas, gostaria de apontar uma questão que nos interessou especialmente na enunciação das fundamentações para a negativa da carta ao ex-funcionário: o modo de pensar as esferas do público e do privado. Assim, passaremos a tecer, de modo sintético, algumas considerações sobre os processos sócio-históricos na Argentina e no Brasil relacionadas a esse assunto. Embora a ordem na exposição seja seqüencial, é bom salientar que se trata de um percurso de trabalho em espiral (cf. S. Serrani, 1993:67), entre os macro temas do processo sócio-histórico das formações sociais em questão e as materializações na cadeia intradiscursiva<sup>10</sup>.

Para essas considerações, tomo como referência o trabalho contrastivo dos processos políticos em ambas as sociedades realizado por G. O'Donnell (1986). Uma observação inicial que interessa lembrar aqui é que os protagonistas da política na Argentina têm sido, principalmente, corporações: forças armadas, associações

---

<sup>10</sup> É “Intradiscursiva” porque corresponde à dimensão linear e horizontal do discurso (cf. M. Pêcheux, 1988). Esta questão será retomada de imediato.

empresariais urbanas, associações empresariais rurais, sindicatos etc. No cenário das instituições estatais, esse corporativismo intempestivo travou seus combates, exercendo, cada um, em seu momento seus procedimentos de exclusão da diferença. Assim, o estabelecimento de regras com algum grau de estabilidade a partir da formulação de interesses mais gerais foi bloqueado. A reiteração de golpes militares na Argentina e a reiteração de seus fracassos tem sido efêmeramente cíclica. Ao longo dessas alternâncias, foi se construindo uma sociedade mais igualitária, o que não quer dizer mais democrática. A esse respeito reproduzirei uma afirmação de O'Donnell que será retomada no parágrafo final do trabalho: "Em tais condições (de ausência de cidadania), a Argentina tem sido programada para gerar democracias epilépticas e de multidões, abortadas por golpes cada vez mais brutais" (ibid.: 149-150). Isso pode estar mudando agora, mas se nos interessa compreender os processos de construção de democracias e de identidades lingüístico-culturais no Cone Sul latino-americano, a meu ver, é crucial aprofundar a articulação entre as micro e as macro análises. Interessa-nos observar que nos períodos manifestamente autoritários, a extraordinária coação do aparelho estatal argentino permeou quase todos os aspectos do cotidiano. E como diz R. Da Matta (1989: 111), nossa democracia deve passar necessariamente por uma discussão dos dramas que constituem nosso cotidiano.

Quanto ao Brasil, o que esses autores destacam é a fisionomia de um Brasil menos igualitário, com uma sociedade política marcada por uma predominante ausência efetiva das classes populares. Sociedade serializada, tão desigual social e regionalmente e, concomitantemente, tão dinâmica, complexa, industrializada e moderna. Dessa complexidade, uma questão que nos interessa particularmente é, como já disse, o modo de pensar as esferas do público e do privado. Em trabalho posterior, O'Donnell (1989: 110), referindo-se à sociedade brasileira, aponta: "a incapacidade de delimitar o público e o privado e, a partir disso, a enorme dificuldade de construir as instituições e elaborar as regras a partir das quais se pode construir a dimensão cívica e republicana (obstaculizam a chegada) a um regime democrático". Ao que R. Da Matta (1989: 116), em artigo-resposta, afirmou "a rigorosa divisão burguesa entre 'público' e 'privado' parece operar parcialmente no Brasil". Dessa parcialidade decorre o tema do "jeitinho brasileiro". Livia Barbosa (1992:130), representando uma nova leva de trabalhos feitos na antropologia, define, assim, seu objetivo: "(ele) não é identificar as causas políticas, econômicas e sociais que deram margem ao aparecimento desse procedimento social, nem o número exato de brasileiros que se utilizam desse expediente.(...). O que (lhe) interessa é que, ao seu redor, constrói-se uma série de discursos, uns para negá-lo, outros para afirmá-lo". Mas, no meu entender, a análise conteudística re-aparece, ainda que nos trabalhos abunde a palavra "discurso"<sup>11</sup>.

Da perspectiva que adoto, sustentada em uma concepção processual de textualidade (seja esta oral ou escrita), é fundamental a análise da estruturação discursiva mesma, o que justifica o fato de termos operado com as ressonâncias de modos de dizer.

---

<sup>11</sup> Para uma crítica da análise de conteúdo, cf. E. Orlandi (1990), especialmente a sessão "Conteudismo: a Perfídia da Interpretação".

Esse procedimento permite perceber, em relação aos rituais de recusa/concessão, a distinção de duas formações discursivas.

Antes de caracterizá-las, gostaria de esclarecer que entendo as formações discursivas como condensações de regularidades enunciativas no processo - constitutivamente heterogêneo e contraditório- da produção de sentidos no e pelo discurso, em diferentes domínios de saber. Distancio-me, assim, das conceituações que concebem as formações discursivas como espaços discursivos fechados, constituídos a partir de posições ideológicas homogêneas e excludentes.

Assim, é possível distinguir uma formação discursiva, que denomino *de abrupção*, marcada por enunciações na qual predominam construções com indeterminação de agente, frases curtas, categóricas e que, no grau mais marcado de abrupção, podem conter enunciados de indignação que produzem efeitos de sentido punitivos para o destinatário.

Esse modo de dizer lacônico, ocorreu também, embora com menor frequência, nas seqüências em português, vide, por exemplo (21) e (22):

(21) “Lamento muito, consultamos a diretoria da empresa e não estamos autorizados a lhe fornecer essa carta.”[s.d. 28]

(22) “Avise ao ex-funcionário que sua saída da empresa foi sem sentido e que não lhe entregaremos a carta.”[s.d. 31]

A outra formação discursiva é marcada pela enunciação *de transições*. Nela predominam construções modalizadas com agente determinado, marcas amenizadoras, subordinadas causais e coordenadas explicativas. No grau mais marcado de transição, a enunciação da negativa é produzida por inferência a partir de numerosas transições que decorrem de causas desvinculadas do evento em questão.

Considerando a distinção *intradiscurso/interdiscurso* (Pêcheux, 1988: 162-168), ou seja, o fio da formulação na dimensão horizontal do dizer (o que disse antes, o que digo agora e o que digo depois) e /a dimensão do discurso outro inscrito em todo dizer, isto é, a alteridade constitutiva do discurso<sup>12</sup>, podemos concluir que tanto nos dizeres com o grau mais marcado de abrupção (predominante em nossos enunciadores em espanhol) quanto nos dizeres com maior grau de transições (predominante em nossos enunciadores em português) se materializa, de modo diferente na intradiscursividade,

---

<sup>12</sup> A distinção conceitual intradiscurso/interdiscurso é, a meu ver, uma das mais profíguas para a análise da discursividade. Discussões detalhadas desses conceitos encontram-se, fundamentalmente, nos textos de M. Pêcheux (1988) e Pêcheux e Gadet (1981). Ver, também, Foucault (1985: 131-199), J. Authier (1982, 1984, 1993) e E. Orlandi (1988, 1990). Em trabalhos que publiquei em 1983 e 1986, apresento análises com foco na intradiscursividade e no livro de 1993 apresento uma outra com foco na interdiscursividade, realizada utilizando como categorias de análise a noção de ressonância de significação, os domínios de memória, atualidade e antecipação (J. J. Courtine, 1981), bem como a concepção tipológica do conceito de contradição de Foucault, que distingue entre contradição intrínseca, derivada e extrínseca.

uma interdiscursividade com pontos semânticos de aliança, em torno da construção de um dizer não democrático.

Para finalizar, gostaria de voltar à afirmação de O'Donnell relativa à Argentina ter sido programada para gerar democracias epilépticas de multidões e do Brasil parecer “programado para democracias languidamente elitistas, e facilmente prescindíveis assim que deixem de sê-lo” (1986: 150). Interessam-me particularmente as afirmações “ser/parecer programado”. Em várias partes de seus textos o referido autor enfoca essa programação como “provinda de uma história complicada”. É precisamente na construção dessa história complicada que as discursividades têm um papel *medular* na configuração de imaginários e dos outros registros da identidade lingüístico-cultural. Por isso, o estudo das ressonâncias discursivas pode trazer contribuições tanto para resolver situações práticas de interação bi-cultural, quanto para aprofundar questões de estereotipia nacional, desvendando suas razões e sem-sentidos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER, J. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*, DRLAV, 26. Paris:Univ. de Paris VIII, pp. 91-151, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Hétérogénéité(s) énonciative(s)*, Langages, 73. Paris:Larousse, pp. 98-111, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Le bien dire*, Cahiers de Praxématique, 20. Montpellier, pp.87-113, 1993.
- BARBOSA, L. *O Jeitinho Brasileiro. A Arte de Ser Mais Igual que os Outros*. Rio de Janeiro:Editora Campus, 1992.
- DA MATTA, R. *A propósito de microescenas y macrodramas: Notas sobre el problema del espacio y del poder en Brasil*. Nueva Sociedad, pp. 111-117, 1989.
- FOUCAULT, M. *La Arqueología del Saber*. México:Siglo XXI Editores (1a. ed. francesa: 1969), 1985.
- FRANZONI, P. *Nos Bastidores da Comunicação Autêntica*. Campinas:Editora da UNICAMP, 1992.
- O'DONNELL, G. *Contrapontos. Autoritarismo e Democratização*. São Paulo:Edições Vértices, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Privatización de lo público en Brasil: microescenas*. Nueva Sociedad, pp. 105-110, 1989.
- ORLANDI, E. *Discurso e Leitura*. São Paulo:Cortez e Ed. da Unicamp, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Terra à Vista*. São Paulo:Cortez e Editora da Unicamp, 1990.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Campinas:Editora da Unicamp (1a. ed. francesa: 1975), 1988.
- \_\_\_\_\_. *O discurso. Estrutura ou acontecimento*. Campinas:Pontes (1a. ed. 1983), 1990.
- PÊCHEUX, M & GADET, F. *La langue introuvable*. Paris:Maspero, 1981.
- SERRANI, S. *Uma Análise Pré-Pedagógica de Textos Baseada na Concepção Discursiva da Linguagem, Trabalhos em Lingüística Aplicada 2*. Campinas:IEL, pp. 51-88, 1983.
- \_\_\_\_\_. *As Construções Indeterminadoras enquanto Recortes Macrossintáticos do Discurso*, Série Estudos 12. Uberaba:FIUBE, pp.98-125, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Transdisciplinariedade e Discurso em Lingüística Aplicada. Trabalhos em Lingüística Aplicada* 16, pp. 39-48, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A Linguagem na Pesquisa Sociocultural. Um Estudo da Repetição na Discursividade*. Campinas:Editora da Unicamp, 1993.
- THOMAS, J. *Cross-Cultural Pragmatic Failure*, Applied Linguistics 4, pp. 92-112, 1983.